



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

v.4 - n.8 - Janeiro - Junho 2009

Semestral

Artigo:

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Autora:

Neide Moy¹

¹ Formada no curso de Normal Superior do Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – FACULDADE IDEAU.

Endereço: RUA LUIZ RIBEIRO DA SILVA, 135. Estação/RS. neidemoy@itake.com.br

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO²

Subtítulo: Influência da Afetividade no Processo de Ensino e Aprendizagem.

Resumo: O texto refere-se às possíveis relações entre o professor e o aluno a fim de contribuir para o processo ensino-aprendizagem, através da identificação de pontos importantes, nas concepções, que possam estimular professor e aluno para uma convivência de afetividade no processo educativo levando-os a uma educação de qualidade. Assim, delinea uma análise reflexiva dos principais problemas enfrentados hoje em sala de aula pelos alunos e professores, em suas relações, enquanto sujeitos envolvidos no processo educacional. É preciso considerar os fatos de que o professor, quando se torna comprometido com o aluno e com uma educação de qualidade, fazendo do aluno o centro do processo ensino e aprendizagem, cumprindo seu papel de orientador e facilitador do processo, legitima assim a teoria de facilitação da aprendizagem, através da interação dos sujeitos, ultrapassando, a mera condição de ensinar. Na realidade, a prática docente tem uma parcela não só significativa na relação professor-aluno, mas quase que definitiva no processo. A arrogância didática do detentor do saber e a segurança que o mesmo tem de que o seu poder, seu conhecimento ilimitado são suficientes, pode produzir um aprendizado equivocado, acreditando que, quando os resultados não são o esperado, a culpa é toda do aluno. Com a falta de estímulos e diálogo, o que acontece é a dormência da criatividade, dando espaço para a reprodução mecânica do saber existente. Vale ressaltar a atuação de alguns educadores, não como modelos perfeitos, mas como inspiração para que continuemos a buscar caminhos melhores com vista a alcançarmos o coração e a mente dos alunos.

Palavras-chave: afetividade - interação - construção do conhecimento - professor – aluno – educação de qualidade.

Abstract: The text refers to the possible relationship between teacher and student in order to contribute to the teaching and learning process the identification of the important spots, in the conception, that can encourage teacher and student have an affectionate companionship in the learning process leading them to a higher quality education. Then, trace a reflexive analysis of the main problems faced nowadays in the classroom by the teachers and students in their relationships, while subjects involved in the educational process. It's important to consider the facts that the teacher when becomes committed with the student and with a high quality education, making the student the center of the teaching and learning process, playing role as advisors and counselors of his process, legitimate, this way, the theory of easier way to learn, through the interaction of both subjects, exceeding the condition of being just a teacher. In fact, the teacher has a portion not just significant practice in the relationship teacher-student but almost definite in the process. The educational arrogance by the owner of knowledge and the security that he has the power, unlimited knowledge are enough, can produce a mistaken learning, believing that, when the result are not that expected, the guilt is all of the student with the lack of impulse and conversation, what happens is the numb creativity, giving place to mechanic reproduction of the existing knowledge. It's worth to point out the action of some teachers, not as perfect models but as inspirators to continue to find better ways to reach the heart and the mind of the student.

Key words: affectionate – interaction – building the knowledge - teacher – student – quality education.

² Artigo Científico elaborado a partir de Trabalho de Conclusão de Curso.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A afetividade na relação professor-aluno surge lentamente, porém de forma significativa ocorrendo mudanças, mediante análise e reflexão da atuação do professor, levando em consideração o seu conhecimento e a forma de relação estabelecida com o aluno, contribuindo assim para o processo de amadurecimento racional. Para isto é importante que o professor entenda e compreenda o aluno de maneira integral, nos seus aspectos afetivos, cognitivos e motores, durante todo seu desenvolvimento.

A relação professor-aluno representa um esforço a mais na busca da praticidade, afetividade e eficiência no preparo do aluno para a vida, numa análise do processo ensino e aprendizagem, ultrapassando os limites profissionais, escolares, do ano letivo. É uma relação que deixa marcas e que deve sempre buscar a afetividade e o diálogo como forma da construção do conhecimento. Esta interação é um dos eixos fundamentais na construção do conhecimento. Mais do que um cumpridor de tarefas, o professor deve ter clareza de sua missão como educador.

Mudar este quadro que se apresenta à educação requer participação ativa e direta de todos os agentes envolvidos no processo, principalmente do professor. É necessário que ele conheça seus alunos, que interaja com eles para favorecer uma aprendizagem eficaz, com uma prática transformadora, que oportunize o crescimento e o desenvolvimento do aluno em todos os seus aspectos, despertando no aluno uma vontade de descobrir o inusitado, adquirindo autonomia.

Para exercer sua real função, o professor precisa aprender combinar autoridade, respeito e afetividade, ao mesmo tempo em que estabelece normas, respeitando a individualidade e a liberdade de cada um.

Concordamos com as palavras de Libâneo:

o professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é indirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão agindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos (1994, p.250).

Neste contexto, é importante perceber quando o aluno apresenta dificuldades em receber conteúdos desconhecidos, não conseguindo fazer as assimilações necessárias. Cabendo ao professor então buscar subsídios que possam melhorar a compreensão e a realização destas aprendizagens.

Deste modo, a educação tem a intenção de unir informações e sugestões que possam apontar caminhos necessários à compreensão das idéias desenvolvidas, esperando que a escola faça a diferença na vida de seus alunos, fazendo com que aprendam progressivamente, o que significa a convivência escolar diante da realidade do educando.

Sabe-se também que com um professor dinâmico e querido por seus alunos, o ensino torna-se mais atrativo, mais desafiador, garantindo uma aprendizagem real. Onde o saber pode ser construído em conjunto.

Cada professor deve ter clareza do papel que desempenha no contexto social, onde esta relação passa a ser alvo de pesquisas, na busca de diálogo, do debate de idéias e da comunicação do trabalho individualizado.

Segundo Morales (1999), o professor ensina muito mais com sua maneira de ser do que com os conteúdos que repassa para seus alunos, sua atuação sincera, transparente, cativam o aluno abrindo portas para a amizade, o companheirismo e a participação espontânea.

2 RELAÇÃO DA AFETIVIDADE

A afetividade compreende o estado de ânimo ou humor, os sentimentos, as emoções e as paixões e reflete sempre a capacidade de experimentar sentimentos e emoções. A afetividade é que determina a atitude geral da pessoa diante de qualquer experiência vivencial, promove os impulsos motivadores e inibidores, percebe os fatos de maneira agradável ou sofrível, confere uma disposição individual ou entusiasmada e determina sentimentos que oscilam entre dois pólos: a depressão e a euforia. Direta ou indiretamente a afetividade exerce profunda influência sobre o pensamento e sobre a conduta do indivíduo. O estado psíquico com que a pessoa se apresenta e vive reflete a sua afetividade. Os filtros da afetividade fazem com que o sol seja percebido com maior ou menor brilho, que a vida tenha perspectivas otimistas ou pessimistas, que o passado seja revivido como um fardo pesado ou simplesmente, lembrado com suavidade. Interfere assim na realidade percebida por cada um de nós, na representação que cada pessoa tem do mundo, do seu mundo.

A energia da afetividade é capaz de impulsionar o indivíduo para a vida, dirigindo ao relacionamento do ser com sua vida e o humor necessário para conferir a valoração das vivências. Ela colore todo o relacionamento do sujeito com o objeto, fazendo com que os fatos sejam percebidos desta ou daquela maneira e que desperte este ou aquele sentimento.

O estado afetivo momentâneo da pessoa, como alegria, bem estar, júbilo, inquietação, angústia, tristeza, desespero, dependem das circunstâncias pessoais da vida, dos desejos atuais, das inclinações e especialmente da saúde física. Muitas alterações desfavoráveis do estado afetivo são compreensíveis e refletem respostas adequadas aos motivos psicológicos causais, como a morte de um parente, etc. A afetividade no ambiente escolar contribui para o processo ensino e aprendizagem considerando uma vez que o professor não apenas transmite conhecimentos, mas também ouve os alunos e ainda estabelece uma relação ou troca. Além do que, o professor deve dar-lhe atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, expondo opiniões, dando respostas e fazendo opções pessoais.

O aluno é um ser individual, pensante que constrói o seu mundo, espaço e o conhecimento com sua afetividade, imaginação e sentidos.

Para Piaget (1992), o afeto desempenha papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A vida define como afetividade todos os movimentos mentais conscientes ou inconscientes não racionais. Piaget (1992), afirma ainda que o afeto é uma importante energia para o desenvolvimento cognitivo, e que a afetividade influencia no conhecimento construído de forma essencial através da pulsão de vida e da busca pela excelência.

Desta forma, a auto-estima mantém uma estreita relação coma motivação ou o interesse da criança para aprender. O afeto é o princípio norteador da auto-estima. Depois de desenvolvido o vínculo afetivo, a aprendizagem, a motivação e a disciplina como meio de conseguir o autocontrole da criança e seu bem estar, são conquistas significativas.

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações (DANTAS, 1992, p.61).

Comprendemos então, que a afetividade e inteligência são aspectos indissociáveis, intimamente ligados e influenciados pela socialização. Portanto, trabalhar a afetividade no ambiente escolar é preocupar-se com os alunos é reconhecê-los como indivíduos autônomos com experiências de vida diferentes, com direito a ter preferências e desejos nem sempre iguais ao do professor. Concebemos, então, a afetividade, como o conhecimento construído através da vivência.

As emoções estão presentes quando se busca conhecer, quando se estabelecem relações com objetivos físicos, concepções ou outros indivíduos. Afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em qualquer atividade, embora em proporções variáveis. O afeto pode ser entendido como a energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar. Ele influencia a velocidade com que constrói o conhecimento, pois, quando as pessoas sentem-se seguras, aprendem com maior facilidade.

A motivação para aprender nada mais é do que o reconhecimento, pelo indivíduo, de que conhecer algo irá satisfazer suas necessidades atuais ou futuras. Ela também pode ser encarada como um processo psicológico em construção. Uma pessoa motivada para aprender constrói o conhecimento mais prontamente do que uma sem motivação. De igual modo, aprende-se melhor quando espera-se alcançar sucesso do que quando tem-se expectativa de fracasso.

Portanto, um dos trabalhos mais importantes a serem desenvolvidos pelo professor junto a seus alunos é motivá-los. O bom professor procura fazer com que o processo de aprendizagem seja motivador e ao mesmo tempo afetivo, pois, o prazer, vem da própria aprendizagem, do sentimento, da competência pessoal, da segurança de ser hábil para resolver problemas.

O vínculo afetivo tem papel essencial em toda e qualquer ação que objetiva mudança. E as transformações, funcionam como um elo de uma corrente que une os indivíduos favorecendo a ampliação do modo de sentir, perceber a si próprio e ao outro. Deve ter um caráter libertador que possibilite a expressão de questões pessoais e que conduza à autonomia do professor e do aluno, abrindo espaço para questionamentos, derrubando preconceitos e rótulos comuns na área educacional.

3 RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A relação professor-aluno é condição essencial do processo da construção da aprendizagem, pois dinamiza e dá sentido ao processo educativo. A relação professor-aluno pode acontecer de forma conflituosa, pois baseia-se no convívio de classes sociais, culturais, valores e objetivos diferentes. Essa relação deve estar baseada na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o aluno para seu crescimento interior, fortalecer-lhe, não deixando sua atenção voltada apenas para o conteúdo a ser ministrado.

De acordo com Fritzyzen (2007), quando a pessoa é capaz de relacionar-se com o outro, deixando de lado o seu mundo infantil, pode-se dizer que é um ser em “relação com”. A relação professor-aluno por si só, é conflitante já que os conflitos surgem durante o desenrolar de toda relação humana. Os alunos hoje estão em constantes conflitos consigo mesmos, buscando sua autoconfiança, tornando-se necessário ao professor desdobrar-se para que a disciplina seja mantida, e consiga deixar o aluno atento ao conteúdo, despertando-lhe interesse em aprender. A aula não pode ser considerada somente uma mera transmissão de conhecimentos, a preocupação também deve existir com o emocional e o afetivo, o que facilita a aprendizagem. Segundo Libâneo, “o professor não transmite apenas informações ou faz perguntas, ele também deve ouvir os alunos” (1994, p. 251).

A afetividade influencia o processo de aprendizagem, facilitando-a, pois nos momentos informais, os alunos aproximam-se do professor, trocando idéias e experiências, expressando opiniões e criando situações a serem utilizadas em sala de aula. O professor deve ser uma pessoa emocionalmente controlada. Não podendo passar de um extremo a outro em fração de segundos.

O relacionamento baseado na afetividade torna-se um elo produtivo, alicerçando professores e alunos na construção do conhecimento e tornando a relação menos conflitante, permitindo o conhecimento entre as partes envolvidas, favorecendo o conhecimento e a descoberta como seres humanos oportunizando desta forma o crescimento mútuo.

Educar, do latim educare, é conduzir de um estado a outro, é modificar numa certa direção o que é suscetível de educação, conforme explica Libâneo:

o ato pedagógico pode ser, então definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais tanto no nível intrapessoal como no nível de influência do meio, interação esta que se configura numa ação exercida sobre os sujeitos ou grupo de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida. Presume-se aí, a interligação de três elementos: um agente (alguém, um grupo, etc.), uma mensagem transmitida (conteúdos, métodos, habilidades) e um educando (aluno, grupo de alunos, uma geração) (...) (1994, p.56).

Ao professor, cabe, então, fornecer ao aluno meios de utilizar seu pensamento para crescer, libertar-se e sair da submissão do seu pensamento em relação à outra pessoa.

Assim, o professor cria situações de comunicação entre os alunos com um propósito educativo, buscando meios e caminhos, de acordo com o que a situação e a classe permitem; ele intervém pouco, muito ou nada, colocando os alunos como sujeitos da própria reflexão, servindo-se da curiosidade natural.

Além da explanação dos objetivos, da escolha de conteúdos e da orientação metodológica, o trabalho do professor na sala de aula dependerá da procura de procedimentos que viabilizem a prática docente. Nesse sentido, de nada adianta propor no planejamento a intenção de estimular a consciência crítica se o professor se restringir à aula expositiva sempre e se, ao avaliar, apenas verificar a reprodução do que foi transmitido. O professor deve estar atento aos alunos. A própria expressão dos alunos denuncia que é preciso fazer algum questionamento, não apenas com a intenção de certificar-se se o exposto foi compreendido, mas também de dar informações aos alunos, para que corrijam seus erros, e verificar se entenderam o conteúdo, se há ainda pontos que precisem ser reforçados, se é necessário fixar com mais exercícios ou exemplificar mais, antes de avançar com novo tema.

Ao perguntar, o professor não está simplesmente querendo obter respostas que já conhece, pois incentivar o pensamento filosófico é querer que o aluno reflita de maneira nova, considere métodos alternativos de pensar e agir.

Apesar dos esforços, vemos que o principal objetivo, que é dar possibilidades ao educando de construir seu conhecimento, fica muitas vezes prejudicado pela falta da sensibilidade de ouvir o aluno e, assim, descobrir as suas dificuldades.

Um ponto importante a ter em mente é o de que o professor não pode ter dúvidas sobre o que seja de fato sua autoridade para que ela não se pareça, como acontece muitas vezes, como autoritarismo e também, em contrapartida, não propicie a total ausência de lei, impedindo a disciplina, que é necessária ao aprendizado, e a organização de qualquer trabalho.

Neste sentido, autoridade e afeto, refere-se Freire,

o que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético do meu dever de professor no exercício de minha autoridade. E mais, a prática educativa é: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje (1998, p. 161).

O destaque dado à emoção e a afetividade humana, fixa ao professor a essência humanizadora de seu próprio ser. Essa relação de carinho e afeto deve estar presente dentro e fora da sala de aula.

No momento em que o professor comunicar-se com os alunos de forma afetiva, a aprendizagem tornar-se-á propositadamente significativa, dependendo da forma em que o professor apresenta-se e expõe suas aulas, despertará nos alunos, o gosto ou a repulsa pela

disciplina. O que deseja-se hoje, é um professor reflexivo e crítico, que compreenda as necessidades e sentimentos de seus alunos.

Segundo Morales,

somos profissionais do ensino, nossa tarefa é em ajudar os alunos no seu aprendizado; buscamos seu êxito e não seu fracasso, e a qualidade de nossa relação com os alunos pode ser determinante para conseguir nosso objetivo (1999, p. 13).

Inúmeras vezes, o rendimento escolar do aluno não condiz com o esperado, por não estar recebendo atenção e afeto desejados. É uma maneira de chamar atenção, de fazer-se notar. Não é preciso que o professor derreta-se em afetos. Basta, muitas vezes, um olhar, um sorriso, um toque. O aluno precisa sentir-se importante, necessita de elogios. Pode receber elogios de diversas pessoas, porém, um elogio verdadeiro recebido do professor, é seu maior estímulo e irá matar sua fome de sentir-se valorizado.

Do mesmo modo, o aluno necessita entender que o professor é seu ponto de referência, que pode ter confiança nele, que pode ter segurança com ele.

Hoje, mais do que nunca, o professor precisa ser um superprofessor. Já não valoriza-se mais o professor tradicional, apático. Ele precisa ser dinâmico, pesquisador, surpreendente, para dar vida a seus alunos. Deve fazer renascer o gosto pelo novo, sair da mesmice. O professor tem em mãos uma enorme missão, a de encantar uma enorme platéia que nem sempre está disposta a ouvir e participar das aulas, já que, quase sempre, o mundo fora da escola é bem mais atraente que o quadro e o giz de que o professor dispõe.

Sabe-se que a aprendizagem é um processo que engloba os indivíduos como um todo. Nesse sentido, é importante que o professor perceba-se como facilitador do processo de aprendizagem, pois quando a relação que estabelece com seu aluno é pautada no vínculo e no afeto, propicia a ele a oportunidade de mostrar, guardar, criar, entregar o conhecimento e permite que o outro possa interagir, incorporar e apropriar-se do mesmo.

O ser humano está em constante formação. Assim, numa relação não autoritária, onde o crescimento é estimulado, o professor também aprende enquanto ensina e, enquanto aprende o aluno também ensina. Nesse contexto, o professor que ouve e respeita o ponto de vista de seus alunos, deixa de ser um instrutor ou treinador para transformar-se em educador.

[...] O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma 'cantiga de ninar'. Seus alunos cansam não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas do seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1998, p. 96).

Portanto, para o educador, o educar deve ser uma arte, uma ciência e um conjunto de meios que utilizará para alcançar seus objetivos. Através de alguns subsídios, torna-se fácil conduzir este processo de aprender a raciocinar, a refletir e a usar sua própria criatividade.

A teoria embasa a prática que, sem o constante aprofundamento teórico, perde rapidamente sua essência. Atualmente, o questionamento para a melhoria na educação gira em torno de cursos de capacitação, materiais didáticos, melhores condições de trabalho e melhor remuneração. Felizmente, ainda existem professores que fazem do ensino um ideal e lutam para ajudar a construir um mundo melhor, onde tenha-se acesso a uma educação digna e extensiva a todos.

Um bom planejamento crítico e sujeito à mudanças, um acompanhamento contínuo, uma avaliação diversificada, um diálogo aberto e participativo e uma boa dose de afetividade, contribuem para a formação de um profissional de sucesso. O professor destaca-se como guia do aluno, permitindo que o mesmo crie seu próprio raciocínio, troque idéias, seja consciente e crítico.

4 ESCOLA ACOLHEDORA: O PRIMEIRO PASSO PARA O SUCESSO DA APRENDIZAGEM

Uma escola voltada para o desenvolvimento integral do aluno valoriza a transmissão do conhecimento, adapta a tarefa de aula às necessidades e interesses dos alunos, mostrando-lhes o valor e a importância da aprendizagem em suas vidas.

A escola que cria um clima acolhedor, de afeto, compreensão, respeito mútuo e democracia, quer dizer, um lugar onde todos expõem suas experiências e opiniões, proporciona a participação de todos os envolvidos no processo educativo. Esta relação de afeto compõe o desenvolvimento da aprendizagem cognitiva. É fundamental que o aluno seja orientado para a busca do conhecimento.

Neste contexto, a escola, deve ser vista como um espaço em que os alunos diariamente passam parte do seu tempo, precisando envolver-se de carinho, afeto e atenção. Um espaço de ligação entre as pessoas, interativo com conteúdos escolares de acordo com a realidade do aluno.

A necessidade da afetividade na aprendizagem escolar, depende de toda a comunidade escolar envolvida no processo. É necessário tomar decisões em conjunto, trabalhar em parcerias, integrar o grupo buscando alternativas conjuntas que sejam pautadas por um projeto

político pedagógico. A relação entre a comunidade escolar deve ser permeada pelo afeto, construindo novos modos de relacionamento, com mais carinho e compreensão.

Parte-se do princípio de que, no dia-a-dia da tarefa educativa, não existe uma aprendizagem puramente cognitiva ou racional, os educandos não deixam os fatores afetivos que constituem sua personalidade do lado de fora da sala de aula, no momento em que interagem com os objetos do conhecimento, ou não deixam adormecidos seus sentimentos, afetos e relações enquanto pensam.

Não raras vezes, passa-se por salas de aula em que há uma gritaria constante do professor e dos alunos. Os mais rápidos acabam as atividades e, ou usam o tempo com atividades supérfluas, que em nada contribuirá para a sua aprendizagem, ou acabam por atrapalhar os colegas mais lentos, gerando assim, a indisciplina em sala de aula. Para que isto não aconteça, e o ambiente seja produtivo, é fundamental que se coloque claramente para os alunos a rotina diária das atividades. Isso fará com que tornem-se autônomos, liberando o professor para auxiliar os que mais necessitam.

Neste sentido, é interessante que estabeleçam-se regras de convivência. Os alunos precisam entender que viver em sociedade requer algumas regras. Temos direito e, de outro lado deveres que devem ser respeitados. Assim, a escola deve fazer a construção coletiva das regras, definindo os direitos e deveres que irão guiar o cotidiano escolar.

A organização escolar influencia também, na aprendizagem do aluno, ela precisa ser um lugar confortável, aconchegante, colorido, limpo e organizado, pois uma escola suja, de aspecto desleixado, denuncia que algo não vai bem. Não se conhece ninguém que goste de estar em um ambiente feio e mal cuidado, e isso irá refletir na aprendizagem e na relação professor- aluno.

O modo de como se organiza os espaços escolares, irá influenciar quem ensina e quem aprende. Quando há vida na escola, quando sua organização é variada, evidencia uma concepção do significado de aprender e irá demonstrar que ali é um lugar estimulante, dinâmico e instigador, onde todos devem e podem participar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar na construção de uma sociedade escolar mais justa e solidária é refletir sobre os valores e afetos que fazem a diferença humana nas relações escolares no dia-a-dia.

Nesta perspectiva verifica-se que a afetividade, moral e educação estão inerentemente ligadas à aprendizagem. A afetividade influencia de maneira significativa a forma pela qual os seres humanos resolvem seus conflitos de natureza moral. A organização do pensamento prepondera o sentimento, e o sentir também configura a forma de pensar. Nesse sentido, a afetividade perpassa o funcionamento psíquico, assumindo papel organizativo nas ações e reações.

Ao destacar a capacidade moral autônoma de resolver os conflitos do cotidiano, buscase pensar em uma escola que trabalhe o estudo emocional de todos os profissionais de forma positiva, baseada na confiança, respeito, satisfação interna, para assim desempenhar de maneira eficiente seu papel.

No que diz respeito a família e escola, ambas devem trabalhar juntas para ajudar o aluno a desenvolver todas as partes de si mesmo, de modo a ser livre para aprender e criar. Só o respeito à sua total originalidade permite ao aluno o desenvolvimento da própria capacidade individual. O aluno precoce ou não, aproveitará o apoio e a conversa franca sobre o seu crescimento. Aqueles que desenvolvem-se mais lentamente irão beneficiar-se muito com o desenvolvimento de habilidades específicas, já a competência compensa o fracasso de um corpo franzino, ou de crescimento lento.

Algumas escolas adotam ainda práticas que valorizam o crescimento cognitivo dos alunos desconsiderando o emocional, por isso as crianças terão mais probabilidade de efetuar o que prometem se participarem de um clima que lhes permitam crescer no momento adequado, à sua própria maneira. Estes precisam de compreensão afetiva no momento de atravessar o difícil caminho da dependência para a independência. Se forem dados os elementos básicos necessários, eles só terão como alternativa gostar de si próprios.

Vale ressaltar que a criança saudável é verdadeira consigo mesma, o que lhe assegura a integridade pessoal, ela faz o que pode com o que tem e isso lhe dá uma paz interior. Há um ditado popular que diz; “Eu não posso estar bem com alguém se não estou bem comigo mesmo”.

É fundamental que os professores saibam que toda a criança é egocêntrica, com o potencial de gostar de si mesma, e que aprende a ver a si mesma tal qual as pessoas importantes que a cercam a vêem, pois ela constrói a sua auto-imagem a partir das palavras, da linguagem corporal, das atitudes e dos julgamentos dos outros.

A promoção da afetividade é um campo em que torna-se difícil propor sugestões já que as necessidades dos alunos são diferentes. O que é útil para uma criança impulsiva pode não ser para uma inibida, daí a necessidade do uso de recursos e metodologias variadas pelo

professor. Neste sentido, a escola deve ser um ambiente aberto ao debate da cidadania, da liberdade, da responsabilidade, da justiça social, do respeito. Uma organização que aprende e seja capaz de ensinar. O aluno deve apresentar um comportamento ativo e livre no processo de aprendizagem, uma sensação de auto-direção e decisão.

As escolas devem também preocupar-se com a formação deste professor que hoje tem um perfil mediador, de orientador no processo ensino e aprendizagem, buscando ou formando profissionais que incluam em sua visão educacional a dimensão emocional como fundamental para o bom desempenho do aluno. É fundamental valorizar a atividade docente como um ato de amor e competência. A formação pela vida e para a vida perpassa caminhos complexos.

Cabe ressaltar ainda, que o funcionamento psíquico humano não é composto somente pelos aspectos cognitivos, mas que os sentimentos e emoções também configuram o pensamento. Quanto mais humanos formos, maior será a nossa capacidade de amar, mais divinos nos tornaremos. A mente humana é o depósito de todas as experiências, de todos os condicionamentos que são delineados perante as exigências impostas. Faz parte da natureza errar. O grande desafio é aceitar as limitações e amar outros seres tão imperfeitos quanto nós. Assim é o ser humano. Quando observamos suas atitudes, sua visão de mundo, sua forma de resolver diferentes situações não imaginamos o seu interior, sua base de formação que influenciou seu modo de ser, sua maneira de valorizar o outro.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTE, M. **Como Criar Uma Escola Acolhedora**. Revista Nova Escola. MEC. Março, 2005.
- DANTAS, H. **A Afetividade e a Construção do Sujeito na Psicogenética de Wallon**. In: De LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias Psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- FRITYZEN, S. J. **Relações Humanas Interpessoais**: nas convivências grupais e comunitárias. 16ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- LOCATELLI, I. **A Escola que dá certo**. Revista TV Escola. Brasília: Secretaria de Educação à Distância do MEC, v.37, n°. 39, p.39, maio-junho. 2001.
- MORALES, P. **A Relação Professor-Aluno**. 2ª edição. São Paulo: Loyola, 1999.
- PERUZO, M. J. B. **Educar Igual Interação**. Revista do professor. Porto Alegre: p. 26, Jul./Set., 1998.